

MUNTUÍSMO E PESSOALIDADE: UM ESTUDO COMPLEMENTAR DA IDEIA DE PESSOA NA FILOSOFIA AFRICANA CONTEMPORÂNEA

A COMPLEMENTARY STUDY OF THE IDEA OF PERSON IN CONTEMPORARY AFRICAN PHILOSOPHY

RESUMO: O objetivo deste artigo é de apresentar a convergência e a divergência entre o muntuísmo e a pessoalidade, no que se refere às características necessárias e suficientes na identificação de uma pessoa. É por muntuísmo que a pessoa, a comunidade e Deus constituem as características fundamentais da pessoa ou muntu em África, contrariamente a pessoalidade, que aceita ser-se pessoa, a partir duma base reducionista, ou seja, define-se a pessoa numa visão metafísica e ética. Com isto, faz-se um estudo das duas correntes e com auxílio de uma metodologia bastante qualitativa, pois elege-se alguns filósofos, quer africanos, quer americanos no sentido de se complementar e enriquecer o diálogo e a discussão sobre as noções de homem e de pessoa na filosofia.

PASCOAL M. CAPITA

PALAVRAS-CHAVE: Muntuísmo; Pessoalidade; Filosofia Africana Contemporânea.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present the convergence and divergence between Muntuism and personhood with regard to the necessary and sufficient characteristics in the identification of a person. It is defended by Muntuism, that the person, the community and God constitute the fundamental characteristics of the person or muntu in Africa, contrary to personhood, which accepts to be a person, from a reductionist basis, that is, the person is defined in a metaphysical and ethical vision. With this, a study of the two currents is made and with the help of a very qualitative methodology, since some philosophers, both African and American, are chosen in order to complement and enrich the dialogue and discussion on the notions of man and person in philosophy.

Editor-Gerente
[Ivaldo Marciano de França Lima](#)

KEYWORDS: Muntuism; Personhood; Contemporary African Philosophy.

MUNTUÍSMO E PESSOALIDADE: UM ESTUDO COMPLEMENTAR DA IDEIA DE PESSOA NA FILOSOFIA AFRICANA CONTEMPORÂNEA

Pascoal Mangovo Capita ¹

Introdução

O problema da falta de unanimidade do conceito “pessoa” deve-se pela sua abrangência e estudo em várias áreas do conhecimento, nomeadamente no Direito, religião, literatura e na própria filosofia em todas as épocas e tempos do conhecimento.

O que me aflige neste momento e que esteve sempre presente no seio das atenções em filosofia, quer africana, quer anglo saxônica é saber quais os critérios de identificação da pessoa e não quem é a pessoa? Ou seja, quais tipos de seres no mundo podem ser considerados como pessoa? Existe uma norma metafísica para tal efeito, ou a pessoa é determinada apenas pelas suas acções? Para responder a estas e outras tantas questões, recorro à visão do muntuísmo com ênfase a Ezio Bono (2015, p. 5) e da pessoalidade com menção a Harry Frankfurt, que apesar do distanciamento contextual conseguem complementar-se para o engrandecimento da discussão sobre o personalismo africano. Parto do seguinte pressuposto, parafraseando Ngoenha citado por Gomane de que “quem pensa o universo é sempre um homem singular, pertencente a um grupo particular, situado no espaço e no tempo” (GOMANE, 2020, p. 98).

Discorrer sobre o muntuísmo, a partir duma base personalista de Mounier e da pessoalidade com influências diretas do filósofo inglês Jonh Locke, o primeiro, ou seja, o muntuísmo identifica a pessoa (Muntu) numa perspectiva antropológica e ontológica e a pessoalidade encerra a sua visão na metafísica e na ética. A razão principal da escolha deste estudo encontro-a, para além do supracitado, pela maneira em como o assunto sobre a pessoa tem estado a ser discutido desde os gregos, com cariz monista, passando pelos medievais onde se referenciou Boécio até aos dias de hoje, tomado em duas linhas, a saber: antropológica e metafísica ética. É bastante interessante saber que o personalismo francês poderia dialogar com a pessoalidade saxônica. Todavia, as duas correntes apesar de pontos de partida diferentes podem, no entanto, coabitar na filosofia contemporânea em África.

Adoto uma metodologia qualitativa ligada na revisão e análise bibliográfica que considero fundamental na feitura duma leitura de obras prima, que a mim me parecem ajudar a orientar a sustentação teórica do presente estudo. Especificamente, reparto o texto em três pontos para além da introdução e da conclusão, a saber: Panorâmica histórica do muntuísmo sobre a

ideia de pessoa em África, onde abordo e descrevo a visão de alguns filósofos africanos no que pensam sobre o muntu ou a pessoa. No segundo ponto, com inspiração do inglês Locke e outros importantes filósofos, mormente americanos, apresento a posição da pessoalidade que aceita caracterizar a pessoa não por via inata ou de um elemento predeterminado, mas sim de algo extrínseco, e tento já no terceiro e último ponto introduzir as convergências e divergências onde sairia a complementaridade para a discussão na filosofia contemporânea em África.

PANORÂMICA HISTÓRICA DO MUNTUÍSMO NA FILOSOFIA AFRICANA CONTEMPORÂNEA

Muntuísmo é um neologismo de autoria de Ezio Bono (2015, p. 8) tirado da palavra Muntu, que quer dizer pessoa nas línguas bantu. Essa ideia resulta de uma tese de doutoramento que propõe um personalismo africano, cujo modelo vem do filósofo francês Emmanuel Mounier do século XX. O maior conforto do personalismo francês encontra-se no muntuísmo que justifica a antropologia africana. A ideia de pessoa ou muntu² na filosofia africana encontra o seu habitat ou suporte no personalismo francês, e vice-versa, ao pousar-se em três pilares que são: pessoa, a comunidade e Deus como realidades que deixaram de existir no contexto ocidental. Referi no início deste texto que a tematização do problema sobre a pessoa ganhou um espaço grande com o filósofo medieval Boécio, ao justificar a noção de Santíssima Trindade depois, claro das dificuldades à vista com realidades individuais enfrentadas na filosofia grega.

Na era moderna – precisamente com o subjetivismo e intersubjetivismo, este último que se refere ao personalismo de Emmanuel Mounier, e tal como disse sustenta toda corrente do muntuísmo. O intersubjetivismo ou personalismo gira, de acordo com Capita em torno de uma antropologia moderna (2016, p.7) Apesar de ser uma corrente que influenciou bastante a filosofia na era contemporânea é também um movimento que dá valor absoluto a pessoa em detrimento do indivíduo. Aqui devo sublinhar a tonalidade e a força da visão absolutista que é fortemente combatida pela corrente da pessoalidade que defende apenas o reducionismo (metafísica e ética). A pessoa é um fim e não um meio, enquanto o indivíduo é a pessoa contida numa matéria, objeto que motiva a pessoa. No indivíduo está a dispersão e a avareza, ao passo que na pessoa está a escolha e o domínio. Dentro do homem está a pessoa e ao mesmo tempo o transcende.

¹ Mestre em filosofia contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Portugal. Professor auxiliar no Instituto Superior de Ciências de Educação de Cabinda/Angola. capitapascoal@yahoo.com

² A expressão Muntu proveniente do mntuismo aparece neste como sinónimo de pessoa. Durante algum tempo também foi traduzido por homem e aqui vale partilhar que ser homem e ser pessoa são conceitos muitas vezes adversos em matéria de filosofia contemporânea. Será fundamentalmente a distinção que levo a cabo para mostrar a visão antropológica da metafísica e ética.

Antes de se apresentar os pontos de vista de outros filósofos, desta vez com cariz africano, importa dizer que foi neste período moderno que se saiu da visão ontológica para uma outra chamada epistemológica ou emotiva sobre a ideia de pessoa. A expressão pessoa, tal como lemos em Capita (2016, p. 8) perde o seu estatuto ontológico e passa a designar uma realidade psíquica, emotiva e subjetiva. Dá-se uma alteração semântica do termo “pessoa”. Nesta altura a ideia da “pessoa” deixa de ser uma resposta e passa a ser uma interrogação, na medida em que põe em aberto a discussão tradicional, de mente e corpo.” (2016, p.7).

Desta feita, destaca-se agora o pensamento de alguns filósofos africanos reais e outros ocidentalizados, na linguagem de Mundimbe (2009), que contribuíram diretamente para além do personalismo francês o muntuismo, enquanto um neologismo da filosofia africana. Desde os primórdios até aos tempos de hoje, sempre se confundiu a filosofia propriamente dita com o estudo da teologia em África. Tal como diz Bono repetidas vezes, o discurso filosófico do teológico no pensamento africano foi muitas vezes distorcido (2015, p.8) E é, a partir desse pressuposto que se assiste o pensamento e o contributo destes filósofos africanos.

A pessoa ou muntu em África numa linha antropológica e ontológica, começa com Placide Tempels, tido como grande precursor da história da filosofia africana na noção “pessoa” na era contemporânea, nas seguintes linhas: Tempels apesar de ser proveniente duma nacionalidade europeia, é no fundo aquele que começa a mostrar o aspecto metafísico e não mágico da religiosidade da filosofia africana, a partir da sua monumental obra “A filosofia Bantu de 1945” (2012). Viveu e trabalhou durante muito tempo na zona do Congo belga, a chamada região de Katanga.

No estudo desta obra, concretamente no quarto capítulo, faz-se uma análise clara sobre a ideia de pessoa, designada pelo termo muntu (2015, p.12). Muntu significa aquele ser que possui a força vital e que é proveniente de Deus. Tal como ele mesmo afirmaria: muntu é força viva, força pessoal, superior à de todos os seres animados. O homem enquanto muntu é a mais vigorosa entre as forças criadas e regula as demais forças viventes (2015, p.18). Para além deste lado ontológico e existencial que percebo da ideia de pessoa em Tempels, posso também encontrar o lado ético quase idêntico com aquela a que defendo atrás na visão de Frankfurt. Pois, de acordo com Tempels, a análise da ética dos bantus tem uma certa relevância na identificação da noção atribuída à pessoa dentro da filosofia bantu. Para que haja uma pessoa, diz Tempels, e eu aqui acentuo muito bem, deve ocorrer intencionalidade da ação (2015, p. 20). Com tudo isso, quero apenas perceber na visão deste filósofo que a ideia de pessoa é bastante importante quanto aquela a que os ocidentais tendem ainda hoje a insinuar ante aos homens e mulheres africanos.

Em Tempels, se esta filosofia bantu que sustenta a ideia de pessoa contemporânea se confirmasse, seria necessário aos ocidentais, e aqui no caso concreto dos anglo saxônicos, que

revissem todas as suas posições em relação aos homens e mulheres de África, reduzidos à condição de negros e sempre considerados selvagens e animais (2015, p.22). A questão fundamental na linha de ação do pensamento de Tempels é misturar a filosofia e a teologia, a fim de caracterizar a pessoa, mas sempre numa base absolutista tal como disse anteriormente. Em Alexis Kagame, um outro filósofo, mas já com uma outra roupagem e inclinação diferente de Tempels, há a noção de pessoa que ele define como um ser inteligente. A posição de Alexis é precisamente de mostrar as insuficiências que acha, advirem de Placides Tempels. Kagame citado por Bono diz que o termo muntu composto pela raiz -ntu, isto é, ser em sentido genérico e pelo prefixo mu, que quer dizer inteligência com o plural ba, definindo assim o homem ou pessoa como ser de inteligência (2015, p.27).

Considero o pensamento de Placides Tempels, na sua essência, como uma questão de cultura bantu religiosa de uma tribo muito particular, de uma das regiões de África, do que um pensamento filosófico, tal como se pretende entender. Quer a linguagem daqueles que concebem a pessoa como ente de inteligência, quer da linha racional, comungam todos da mesma realidade. Em relação ao teórico e teólogo também de cariz filosófico, o destacado Vincent Mulago, identifica a pessoa como ser em união vital. Este teólogo tenta explicar em amiúde a união vital ou unidade de vida, onde indica uma relação de ser e de vida de cada um, com os seus descendentes e com Deus, fonte primária de toda vida. Uma relação ôntica, análoga para todos com o seu património e todos os seus bens (2015, p. 43). A união vital, de acordo com Mulago, é o laço que une entre si todos os seres vivos e os mortos já desaparecidos da face de terra.

Tal como ele mesmo afirmaria: «é o resultado de uma comunhão de participação a uma realidade comum, num princípio de vida comum que une entre si muitos seres. Todos os seres participam duma mesma e única fonte» (2015, p. 44). Depois desta visão teológica e filosófica ao mesmo tempo de Mulago, sobre a noção em que debato, destaca-se aqui agora a posição e o pensamento de um outro renomado e autêntico filósofo e teólogo, Jean Marc Ela, que entende caracterizar a pessoa como um ser oprimido. Esta ideia nasce duma interrogação que um grupo de estudantes em teologia da igreja católica, promovera de maneira emancipatória em Roma. A preocupação residia na identidade da pessoa em África que tinha que ser liberta dessa opressão. A principal questão destes estudantes padres negros era sobre a real identidade dentro da igreja católica, e sobre a relação entre a evangelização e a colonização.

Na reconstrução em torno das ideias históricas, de acordo com Bono, da noção de pessoa na filosofia africana torna-se obrigatório falar das teologias, quer pelo fato de a maioria dos filósofos ser teólogos, quer pelo fato do homem africano ser ontologicamente um religioso, tal como a seguir descrevo. Nesta mesma linha, cita-se Jonh Mbiti (2015, p. 46) que define a pessoa como um ser ontologicamente religioso. A palavra religião é, de acordo com Mbiti, de difícil

compreensão, pois nas tradições africanas trata-se de um fenômeno ontológico que diz respeito à questão de existência e do ser. É fruto do interesse comparativo das religiões em África que emergiu, de acordo com Mbiti, na determinada concepção de homem e de pessoa.

Em Mbiti, tal como li em Bono, em África não há africanos que sejam homens irreligiosos. Pois, nas tradições africanas não existem dogmas, credos por professar e nem sagradas escrituras, apenas tradição ativamente transmitidas. Há apenas a crença na vida melhor, porque a ideia de céu e inferno não existe (2015, p. 45). Portanto, ao longo deste panorama histórico vê-se que a visão da pessoa se concentra numa única perspectiva que é intrínseca ao ser humano. Basta, de acordo com esta visão, possuir um estatuto de humano para se ser pessoa ou muntu. O muntuismo constrói-se com aquilo que se tem e não com aquilo que se faz enquanto membro duma sociedade. Foi precisamente, a partir dessa descrição, que Ezio concebeu a ideia pela primeira vez do muntuismo, mas sempre como frisamos com fundamentos do personalismo francês.

A PROPOSTA METAFÍSICA E ÉTICA DA IDEIA PESSOA (PESSOALIDADE)

O surgimento do muntuismo como corrente que define a ideia de muntu ou pessoa no personalismo africano, começa com Bono, a partir de uma influência do francês Emmanuel Mounier, e é sustentado por vários outros pontos de vista de alguns filósofos africanos da era contemporânea, conforme descrevi anteriormente. Com essa perspectiva antropológica que referi, contraponho-a agora com a da pessoalidade. Como se pode observar, as ideias da filosofia antiga até à antropologia contemporânea, incluindo o absolutismo muntuista, diferem em grande medida do âmbito da atual abordagem metafísica e ética. A preocupação em cingir-se-à aos assuntos contemporâneos sobre a pessoalidade iniciada por Locke, pois envolvem a natureza da ação e da própria ética – constituindo o cenário para compreensão da pessoa na atualidade filosófica.

Todavia, é a partir deste pressuposto que agora se organiza melhor as incidências desta visão em vários ramos do saber humano. Nesta conformidade – se enunciam as condições necessárias e suficientes da identidade pessoal que tornariam os indivíduos moralmente responsáveis pelas suas ações, e assim pessoa (2009, p.61). Trato da pessoa como entidade mentalista, isto é, de um ponto de vista metafísico como racional e inteligente, mas também a vemos como responsável pelas suas ações numa linha ética e moral, donde se situa para abordar o problema ao longo deste estudo valioso para os africanos.

O rumo do interesse incide na estrutura da vontade, isto é, as volições segundas (na terminologia de Frankfurt) que de acordo com o autor determinam a pessoa. O filósofo norte

americano Frankfurt³ considera, apesar de várias objeções, que é fundamental ligar a liberdade da ação ao conceito de pessoa. Mas, este é um ponto crucial, pois ele discute a possibilidade de um agente ser livre, de fazer o que deseja e de, no entanto, não gozar duma liberdade da vontade. Esclarecer esta diferença permitirá situar a noção de pessoa.

Alguns seres humanos desejam objetos do seu agrado, mas - no entanto, o seu querer carece de liberdade. Estas circunstâncias são, de acordo com Frankfurt, bastante relevantes para as questões éticas, metafísicas e até políticas. Para Frankfurt em última análise a liberdade da vontade implica ser-se livre para se querer o que se quer querer. As chamadas volições segundas, ou seja, aquele tipo de volições existentes em seres capazes de quererem que um determinado desejo seu seja ou não a sua vontade, são fundamentais. A visão absolutista ou muntuista, opõe-se às tendências reducionistas do pensamento sobre a pessoa que teria começado com John Locke. Os absolutistas (sendo os autores clássicos aqui na sua maioria da Escócia, com destaque aos filósofos Thomas Reid, Joseph Butler), que se inspiraram do *Tratado da Natureza* de David Hume, consideravam ilógico e com uma certa circularidade, colocar a memória tal como fez Locke como fonte da identidade pessoal.

A noção geral do reducionismo lockeano começa para Frankfurt (2016, p. 15) quando o autor do *Ensaio sobre Entendimento Humano* – mais concretamente na seção sobre a identidade e diversidade, do Livro segundo do Ensaio - terá separado o homem enquanto ser biológico e o homem como ser pensante. Nós nascemos humanos e fazemo-nos pessoas. Esta distinção lockeana, que justificaria posteriormente o reducionismo de Frankfurt, foi também importante na ética prática do filósofo australiano Peter Singer, ao considerar o ser humano como membro duma espécie de *homo sapiens*. Inclui neste grupo o embrião, seres humanos deficientes mentais, bebês anencefálicos, isto é, sem cérebro (2000, p. 61).

Singer prossegue na mesma linha, mas de forma singular e com inspiração de outros filósofos, donde também partiria Frankfurt ao destacar dois indicadores de pessoa ao estilo de Locke, isto é, a racionalidade e a autoconsciência como fundamentais para a noção de pessoa. Destes indicadores, de acordo com a ética singeriana, servem para identificar as verdadeiras qualidades de pessoas, pois quando se lhes referem não estamos em função da espécie *homo sapiens*, que é uma realidade biológica, mas sim a pensar em indivíduos dessa espécie como pessoas, que exemplificam tais indicadores em elevado grau (2000, p. 68). Ser uma pessoa, por um lado, e ser um ser biológico da espécie *homo sapiens* por outro, constituem noções

³ Tal como elegi Ezio Bono como aquele que teria começado a ideia de muntuísmo, a partir de Mounier para justificar e identificar as condições de pessoa ou muntu, aqui neste ponto escolho o filósofo americano Frankfurt que teve como base o inglês Locke. A eleição de Frankfurt deve-se pelo fato de ser um filósofo que na discussão sobre pessoa, apesar de ser um reducionista, defende uma parte determinante da pessoa que é objeto de defesa dos absolutistas e até muntuistas na visão antropológica.

incompatíveis, apesar de se sobreporem - ou seja, o embrião, criança gravemente deficiente mental, e os recém-nascidos pertencem todos, conforme Singer, à espécie homo sapiens, mas sem nenhuma noção do futuro, capacidade de autoconsciência e de relacionamento com os outros, etc, ficam por fora da noção de pessoa (2000, p. 69).

Destarte, diria também em função do que se defende em Frankfurt, que pode existir uma pessoa que não fosse membro da espécie homo sapiens e vice-versa. Tal como Locke tiraria do exemplo da inteligência do papagaio, e mostrar que ser pessoa não remete diretamente a ser humano, o que incorreria ao exemplo de papagaio que também é inteligente. Daí - Frankfurt parte novamente dessa distinção apesar de algumas objeções para falar da seguinte questão: Nosso conceito de nós mesmos como pessoa não deve ser entendido, portanto, como um conceito de atributos que são necessariamente específicos da espécie, é conceitualmente possível que membros de espécies não humanas novas, ou mesmo familiares sejam pessoas, e também é conceitualmente possível que alguns membros da espécie humana não sejam pessoas.

Em suma, Frankfurt preocupa-se fundamentalmente com a essência daquilo que faz um agente ser pessoa. É nesta perspectiva que exponho o reducionismo lockeano de Frankfurt para melhor e maior compreensão ética e metafísica da ideia de pessoa.

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE O MUNTUISMO E A PESSOALIDADE NO ÂMBITO DO PENSAMENTO AFRICANO

Depois duma descrição minuciosa do muntuismo e da pessoalidade, enquanto correntes que concorrem para a discussão da ideia de pessoa na filosofia contemporânea, aprez-me agora apresentar as linhas que convergem e divergem, a saber: em relação aos aspectos que unem os dois pensamentos, encontro a preocupação de se identificar e caracterizar a pessoa ou muntu. Apesar de pontos de vista contraditórios, quer os seres animados, quer os inanimados, defendem todos que existe um elemento a mais que distingue a pessoa enquanto ser que faz no seio da sociedade. As duas correntes acreditam existir um elemento a mais em cada ser, sobretudo humano que pode ou não o caracterizar como pessoa ou muntu.

No que concerne as suas objeções, o muntuismo de Ezio tem a sua matriz antropológica que justifica ou determina a pessoa ou muntu. É uma espécie de absolutismo que existe nesta visão, pois o ponto de vista de alguns filósofos africanos assenta numa perspectiva de algo superior ou a mais que existe no homem que dá o estatuto de pessoa. Há um especismo claro no muntuismo de Ezio na noção de pessoa ou muntu. Não distingue homem da pessoa e do muntu. Quando se refere à pessoalidade, distingue-se aqui duas realidades, tais como: os absolutistas que defendem ser a pessoa um ente composto de corpo e alma, com uma alma a orientar os ditames

do corpo, a partir do que se denomina por razão ou racionalidade. Para além dos absolutistas existem os reducionistas e estes por sua vez também variam de opinião para opinião na identificação de pessoa. Neste trabalho destaca-se Frankfurt, de linhagem lockeana e que tenta conciliar, apesar da proposta absolutista de introduzir ou rebuscar o elemento razão de cariz absoluto para uni-lo à liberdade da vontade para caracterizar a pessoa.

Não existe na discussão do pensamento africano o atrevimento filosófico que separa absolutistas e reducionistas. Existe somente a diferença entre muntu e individuo, e deste com outros animais. Daí pretendo provar que reduzir o muntuismo ao grupo absoluto, na ideia sobre a pessoa, que a pessoalidade anglo-saxônica já reconhece e faz dessa reflexão uma complementaridade na prossecução do pensamento africano em matérias do personalismo africano. Permanecer unicamente na posição personalista francês provoca, até certo ponto, uma pobreza a meu ver quando se fala de pessoa ou muntu. A expressão muntu às vezes aparece na literatura africana como homem e as vezes como pessoa racional. Já no âmbito metafísico e ético homem e pessoa constituem duas coisas diferentes, tal como consta do pensamento de Peter Singer que citei atrás.

A pergunta orientadora esclarece melhor o que se quer neste ponto, a saber: o que é ser pessoa e quem é uma pessoa faz recorrer ao muntuismo por um lado, e a pessoalidade por outro.

Considerações finais

Em gesto de conclusão, mostrei ao longo do texto a principal discussão proveniente sobre a identidade da pessoa e as características que promovem esta, a pessoa, ou muntu. Senti que a expressão muntu do muntuísmo pode ser traduzida como pessoa na versão americana, e de homem, na perspectiva da filosofia africana. Depois de se encontrar os pontos comuns e divergentes entre ambas correntes, é mister entender na filosofia contemporânea em África a necessidade de introduzir a esfera metafísica e ética quando se discute sobre homem e pessoa ou muntu. Arrisco-me a atribuir o significado de muntu, às vezes o de muntu e as vezes o de homem neste presente trabalho filosófico.

As ideias-chave que tiro deste texto foram complementares, isto é, acrescenta algo à pessoa. De igual modo estas perspectivas, atrás apresentadas sobre a noção de pessoa, *prima facie*, valeriam muito para aprofundar o avanço de outras visões filosóficas que contextualmente – alargaria paragens da filosofia contemporânea em torno de posições sobre a pessoa. É um contributo não só da filosofia anglo-saxônica - mas também e - sobretudo - pelo diálogo que existe em relação às outras realidades. E aqui no caso concreto de ver com esta noção a

possibilidade de arrumar os critérios de educação como fonte para o bem comum entre os africanos.

Portanto, a questão da pessoalidade debate-se hoje entre absolutistas e reducionistas, é verdade também que entre os próprios reducionistas existem diferentes pontos de vista. Desta feita, comprometemo-nos a aprofundar aqui nesta abordagem o confronto entre os absolutistas ou personalistas de África e da filosofia americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONO, Ezio. **Muntuísmo: A ideia de pessoa na filosofia africana contemporânea**. Maputo: Paulinas, 2015.

CAPITA, Pascoal Mangovo. **A Pessoa como liberdade da vontade em Harry G. Frankfurt**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2016.

GONÇALVES, D. Costa. **Pessoa e direitos de personalidade: Fundamentação Ontológica da Tutela**. Coimbra: edições Almedina, 2008.

GOMANE, Manuel Cochole P. Pensamento africano: interfaces paradoxais entre a desobediência e a “normatividade epistêmica”. **Pontos De Interrogação – Revista de Crítica Cultural**, vol. 10, n. 3, p. 95 – 106, 2020.

HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. In: SANTOS Boaventura de Sousa; MENESES, Paula (Orgs). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 119 - 131.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Paula (orgs). **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SINGER. Peter. **Ética Prática**. Lisboa: Gradiva Publicações Lda, 1979.

TEMPELS, Placide. **A filosofia Bantu**. Luanda: edições Kuwindula, 2012.

Recebido em: 21/01/2023

Aprovado em: 14/06/2023